

# KANT E A SUBJETIVIDADE: A DISPOSIÇÃO NATURAL DOS INDIVÍDUOS NO COSMOPOLITISMO KANTIANO

## KANT AND THE SUBJECTIVITY: THE NATURAL DISPOSITION OF INDIVIDUALS IN KANTIAN COSMOPOLITISM

Wellington Anselmo Martins<sup>1</sup>

1. Graduado em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração (USC/Bauru: 2006-2010); Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru: 2015-2017); Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília: 2018-2020); Pós-graduando em História, Cultura e Poder pela Universidade do Sagrado Coração (USC/Bauru: 2019-2020); Professor de ensino superior na Faculdade de Agudos (FAAG/Agudos: 2012).  
Contato: wam1789@outlook.com

MARTINS, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

### RESUMO

Problema geral: qual é o lugar da pessoa humana dentro da história cosmopolita de Kant? Hipótese inicial: a subjetividade não apenas não fica anulada como ainda tem potencial transformador, mesmo que dentro de uma espécie humana e uma Natureza geral previamente encaminhadas. Material pesquisado: o livro “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, de Kant. Método de trabalho: análise de texto, com atenção ao movimento textual dado pelo próprio autor estudado. Objetivos específicos: a) ler a obra delimitada; b) escolher os conceitos e argumentos do texto que melhor respondem ao problema geral deste trabalho; c) dissertar analiticamente acerca do texto de Kant; d) acrescentar comentários explicativos feitos por estudiosos kantianos; e) dar redação final com os resultados obtidos. Resultados: o término desta pesquisa confirmou a hipótese inicial, pois, segundo Kant, o germe dos indivíduos é um

Recebido em: 27/12/2018  
Aceito em: 28/03/2019

potencial socialmente transformador e até mesmo revolucionário dentro do plano da natureza para a humanidade.

**Palavras-chave:** Pessoa humana. Disposição natural. Cosmopolitismo. Kant.

## ABSTRACT

General problem: what is the place of the human person within the cosmopolitan history of Kant? Initial hypothesis: subjectivity not only is not annulled but still has transformative potential, even if within a human species and a general Nature previously forwarded. Material researched: the book “Idea of a universal history from a cosmopolitan point of view”, by Kant. Work method: text analysis, with attention to the textual movement given by the author studied. Specific objectives: a) to read the delimited work; b) choose the concepts and arguments of the text that best answer the general problem of this work; c) to discuss analytically about Kant’s text; d) to add explanatory comments made by Kantian scholars; e) give final wording with the results obtained. Results: the conclusion of this research confirmed the initial hypothesis, since, according to Kant, the germ of individuals is a socially transformative and even revolutionary potential within the plane of nature for humanity.

**Keywords:** Human person. Natural disposition. Cosmopolitanism. Kant.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a noção de subjetividade em Kant. Tal termo, subjetividade, é empregado no sentido amplo, como qualquer particularidade. Isto é, o *subjetivo* aqui conceitualmente explorado não se refere só à personalidade de um ser humano, também a ela, mas de modo geral a todo e qualquer partícipe da espécie humana.

Assim, tendo a humanidade como referência de completude, entendemos então como particularidade: cada pessoa, cada grupo de pessoas, cada comunidade, cada país, cada época, etc.

Ora, uma determinada geração histórica humana, apesar de humana, constitui-se como especificidade ou subjetividade em re-

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

lação à humanidade inteira. Nesse sentido, por isso, nesta pesquisa consideramos sempre o diálogo entre as categorias *partes e todo* durante a análise do texto de Kant.

Tal texto kantiano delimitado, o “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, é analisado também a partir de outros dois trabalhos de Kant, o “Das diferentes raças humanas”, de 1775, e especificamente o capítulo intitulado *A arquitetônica da razão pura*, presente na obra “Crítica da Razão Pura”, de 1781.

Isto é, procuramos aqui usufruir da sistematicidade dos conceitos kantianos, que perpassam com coerência diversos dos seus trabalhos, para melhor exercer a análise da sua noção de subjetividade dentro da tese cosmopolita de história humana.

## O INDIVÍDUO COSMOPOLITA<sup>2</sup> KANTIANO

Kant aponta, na introdução, para a relação partes e todo, “o que se mostra confuso e irregular nos sujeitos individuais poderá ser reconhecido, no conjunto da espécie, como um desenvolvimento continuamente progressivo” (1986, p. 9). As ações humanas, desse modo, assim como qualquer outro acontecimento da natureza, também estão determinadas por leis universais. Por isso, a pessoa humana pode agir aparentemente sem sentido, mas ainda assim ela é promotora do progresso, mesmo que lento, das disposições naturais<sup>3</sup> da espécie.

“Os homens, enquanto indivíduos, e mesmo povos inteiros, mal se dão conta de que, enquanto perseguem propósitos particulares [...], seguem inadvertidamente, como a um fio condutor, o propósito da natureza” (1986, p. 10). Homens ou povos, então, aqui são igualmente partes, individualidades que, inconscientemente<sup>4</sup>, coope-

2 *Cosmopolita*: Empregamos tal termo (*weltbürgerlicher*, em Alemão) diversas vezes ao longo desta análise, ainda que Kant tenha-o usado apenas duas vezes em seu ensaio “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”: no próprio título da obra e, enfim, no derradeiro parágrafo dela.

3 *Disposições naturais*: Algumas das palavras-chave deste trabalho são provenientes da biologia, imunologia e embriologia. Porém, “os casos de ‘germe’, ‘disposição’ [...], trata-se de glossário já em uso por outros filósofos e filosofias” (MARQUES, 2008, p. 116), ou seja, o emprego de tais termos emprestados não é exclusividade kantiana.

4 Assim é na política como é na ciência: “O criador de uma ciência, e com frequência também os seus seguidores mais tardios, giram em torno de uma ideia que eles mesmo não têm clara” (KANT, 2013, p. 601. *Crítica da razão pura*), todos trabalhando por um ideal universal, ainda que este permaneça incompreendido e oculto.

ram para o sentido natural da humanidade inteira. Mesmo nos casos em que francamente os grupos de pessoas se enfrentam, motivados por propósitos particulares ou até egoístas, seu germe é universal, isto é, a sua ação contribui para o progresso de todos.

No entanto, não é que qualquer conduta particular humana, desse modo, esteja virtuosamente justificada, pois “muitas vezes o que isoladamente aparenta sabedoria, ao final mostra-se no seu conjunto entretecido de tolice” (1986, p. 10). Assim, nem toda expressão da liberdade das pessoas acelera o progresso humano. Toda e qualquer ação individual, entretanto, indiretamente, mesmo que violenta e infantil, no fim constitui-se para a afirmação do plano geral da natureza.

O próprio Kant, enquanto sujeito, aponta para si e para outras pessoas, como Kepler e Newton, que assim servem de exemplo do potencial natural dos indivíduos, neste caso indivíduos revolucionários: “Nós queremos ver se conseguimos encontrar um fio condutor<sup>5</sup> para tal história” (1986, p. 10), esta é a potência do filósofo, “e deixar ao encargo da natureza gerar o homem que esteja em condição de escrevê-la segundo este fio condutor. Assim ela gerou um Kepler [...], e um Newton” (1986, p. 10), aqui o germe<sup>6</sup> revolucionário com que a própria natureza dota alguns exemplares especiais da espécie humana.<sup>7</sup>

Caso não houvesse essa mobilização progressista natural, então apenas restaria uma desconsolação advinda da irracionalidade. Porém, há esse destino no desenvolvimento e, por isso, “todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas um dia a se desenvolver completamente” (1986, p. 11).

As pessoas e seus grupos, assim, progridem em conformidade com um fim universal. Tal como um órgão do corpo biológico que existe em função do todo, coerente com uma doutrina teleológica da

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

---

5 O que Kant propõe-se buscar acerca da história também se propôs acerca da razão: “Nós nos satisfazemos aqui em completar o nosso empreendimento, isto é, simplesmente projetando a arquitetônica de todos os conhecimentos da razão pura” (KANT, 2013, p. 602. *Crítica da razão pura*), pois essa é a disposição do filósofo.

6 *Germe*: No corpo deste trabalho, empregamos o termo “germe” para nos referir ao potencial natural pertencente à pessoa humana, tal como Kant o fez nesse seu texto aqui analisado, “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, e também praticou em outros dos seus escritos: “Os fundamentos de um determinado desenvolvimento [*Auswicklung*], que residem na natureza de um corpo orgânico (da planta ou do animal), chamam-se germes [*Keime*], se esse desenvolvimento concerne a partes particulares” (KANT, 2010, p. 16. *Das diferentes raças humanas*).

7 Apontamos, aqui, diretamente para gênios, ou seja, certos exemplares humanos nascidos com qualidades excepcionais: “a imbricação entre ‘gênio’ e ‘talento’ resulta numa identificação indireta entre ‘natural’ e ‘inato’” (MARQUES, 2008, p. 110).

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

natureza. Em consequência disso, “no homem (única criatura racional sobre a Terra), aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo” (1986, p. 11).

O germe da subjetividade<sup>8</sup>, então, não é o da perfeição em si, da plena racionalidade. Mesmo os sujeitos revolucionários, como um Kepler, empregam a sua razão em função do aperfeiçoamento geral.

Ora, “um homem precisaria ter uma vida desmesuradamente longa a fim de aprender a fazer uso pleno de todas as suas disposições naturais” (1986, p. 11), ou seja, um único homem necessita confundir a sua biografia individual com a própria história da humanidade para, então, conseguir tornar ato toda a potência contida na espécie. Porém, não é este o plano natural para a pessoa humana.

Cabe à pessoa um curto tempo de vida, no qual pode aprimorar a sua razão, aprender<sup>9</sup> por meio de muitas tentativas, exercícios e ensinamentos, a fim de participar do progresso a que a sua geração histórica é capaz e, enfim, indiretamente, desse modo a relação homem-humanidade se afirma: o pequeno crescimento da razão subjetiva encaminha o último grau da racionalidade universal.

Então, “as gerações passadas parecem cumprir suas penosas tarefas somente em nome das gerações vindouras” (1986, p. 12)<sup>10</sup>, e uma vez que a natureza não cria nada que seja inútil, pois tudo converge de algum modo para o seu grande propósito, cada individualidade humana, incluído aqui até mesmo um determinado período histórico, serve de degrau nessa transformação ascendente.

As partes, então, dialogam entre si e ainda com o todo. Mas

---

8 *Subjetividade*: Conforme apontado na introdução deste trabalho, tal termo cumpre aqui um papel genérico, pois abrange tanto a personalidade humana quanto qualquer particularidade criada pelo homem: povos, países, gerações etc. O próprio Kant, em seu texto “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, usa termos como sujeito, pessoa ou indivíduo, mas nunca emprega o termo subjetividade. Enfim, optamos por usá-lo aqui como forma de enriquecer o vocabulário com o qual abordamos o presente tema e, ainda, em razão de que, apesar de Kant não emprega-lo, o filósofo por vezes trata diretamente desse assunto na sua obra.

9 *Aprender*: É perceptível que os indivíduos são diferentes e capazes de se desenvolver por caminhos próprios e, por isso, então, é que há “uns com certas habilidades, outros com outras, isso provaria serem todas adquiridas” (MARQUES, 2008, p. 112) em processos de aprendizagem.

10 Assim também especificamente no exercício filosófico, pois “todas as filosofias subjetivas, cujos edifícios são, com frequência, tão diversos e cambiantes” (KANT, 2013, p. 603. *Crítica da razão pura*) devem ser julgadas a partir de uma visão geral e sistemática de Filosofia, tal como uma determinada geração humana deve ser criticada pelo prisma da humanidade.

tal proximidade não é pacífica<sup>11</sup>, já que o processo de aprendizado se dá por inúmeras tentativas e erros: “o meio de que a natureza se serve para realizar o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo das mesmas na sociedade” (1986, p. 13). O propósito universal, desse modo, se beneficia dos conflitos humanos gerados pelos interesses privados, inclusive egoístas.

Especificamente, entendemos “por antagonismo, a insociável sociabilidade dos homens” (1986, p. 13), a sua busca por vida social paradoxalmente atravessada pelo seu desejo de isolamento.

O ser humano “tem uma forte tendência a separar-se (isolar-se), porque encontra em si uma qualidade insociável” (1986, p. 13). Destarte, o germe da subjetividade é desordenado, ainda que pertencente a um *telos* ou sentido geral de ordem. Uma determinada pessoa, por consequência, naturalmente age na expectativa de receber oposição de todos os lados enquanto, ela própria, também se firma como oposição às demais pessoas. No entanto, sem tal paradoxo e conflito, ou seja, “sem aquelas qualidades da insociabilidade – em si, nada agradáveis – das quais surge a oposição que cada um deve necessariamente encontrar às suas pretensões egoístas, todos os talentos permaneceriam eternamente escondidos, em germe” (1986, p. 14).

Desse modo, a luta de indivíduos é o que a natureza espera deles, é para o que ela os disponibilizou<sup>12</sup>. Assim, o egoísmo não apenas indiretamente está promovendo o sentido geral como, ainda, esse individualismo de uns é o que servirá de freio para o egoísmo de outros. E como efeito de uma causa tão desagradável, como a vaidade, a inveja e a discórdia, a humanidade então desperta da sua preguiça e desenvolve ao máximo a racionalidade.

A liberdade administra a própria liberdade, pois “somente em sociedade e a rigor naquela que permite a máxima liberdade [...]” é possível que haja freios internos e um avanço final. Desse modo, há diferentes tipos de grupos humanos, sendo que os grupos com maior conflito interno, “um antagonismo geral de seus membros” (1986, p. 14), são os que mais possibilitam o progresso de todos. Enfim, são particularidades o que promove a lei universal.

11 Se as relações fossem sempre pacíficas, então não haveria o necessário estímulo de desenvolvimento das virtudes naturais, tal como um homem estrangeiro que é forte e ágil, mas “que, ao abrigo do rico suprimento alimentar da sua terra natal, [também] é indolente, mole e desocupado” (KANT, 2010, p. 21. *Das diferentes raças humanas*). Assim, sem o calor das necessidades, as sementes de progresso não afloram.

12 A luta entre pessoas diferentes compõe, assim, o emprego de um intento natural, feito “pela sábia natureza, uma vez que justamente na mistura do mal com o bem residem os grandes motivos [*Triebfedern*] que põem em atividade as forças [*Kräfte*] latentes da humanidade” (KANT, 2010, p. 13. *Das diferentes raças humanas*).

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.



Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

A disposição natural dos sujeitos, então, tal como a natureza das plantas, é pela produção dos frutos da insociabilidade. “Assim como as árvores num bosque, procurando roubar umas às outras o ar e o sol, impelem-se a buscá-los acima de si” (1986, p. 15)<sup>13</sup>. Eis a semente da subjetividade, a discórdia e o roubo, em função do crescimento privado e interno<sup>14</sup>, mas que mediados por uma liberdade geral conflituosamente disciplinam o desenvolvimento natural: “toda cultura e toda arte que ornamentam a humanidade, a mais bela ordem social, são frutos da insociabilidade” (1986, p. 15).

Nessa afirmação da liberdade e luta, é a própria razão humana que admite precisar de lei e de governo, de modo a progressivamente organizar os conflitos e a “inclinação animal egoísta” (1986, p. 15).

Ora, mas tais leis e tal governo não são de outra natureza senão dessa natureza egoísta humana. Por isso, esse é um problema que somente uma determinada geração futura, e mais madura, poderá resolver. Porém, mesmo nessa vindoura sabedoria, também será procurando “numa única pessoa ou num grupo de pessoas escolhidas para isso” (1986, p. 16) que se instituirá um supremo chefe. Desse modo, fica evidente a disposição central dos indivíduos no progresso cosmopolita: nem mesmo os grupos mais avançados abdicarão de ter pessoas à sua frente. Ainda que líderes sejam sempre falíveis, continuarão sempre necessários.

No entanto, a relação partes e todo também aqui se afirma. Pois já que o supremo chefe humano é um destino para pessoas, para pequenas vanguardas, exatamente por isso caberá uma regulação exterior a tais senhores, isto é, se fará necessário uma lei geral e uma vontade humana unificadas, soberanas a todos os homens e grupos particulares.

---

13 A analogia entre homens e árvores não é apenas ilustrativa, pois no próprio texto “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita” as naturezas interna e externa ao homem são associadas em diversas passagens. Ainda em outra obra de Kant, novamente o ar e o sol ajudam a distinguir certos grupos humanos: “A qualidade [*Beschaffenheit*] do solo (umidade ou aridez) e a alimentação provocam igualmente aos poucos [...] uma distinção [...] do caráter natural [*Naturell*]” (KANT, 2010, p. 12. *Das diferentes raças humanas*). Ou seja, tal como as árvores, as pessoas também são fortemente influenciadas pelo meio ambiente. A diferença, no entanto: 1) os homens têm liberdade para escolher o próprio solo onde crescerão; 2) a influência do clima ainda pode diferenciar não apenas o físico, mas também o caráter dos homens, o seu modo particular de pensar e de sentir.

14 *Crescimento privado*: Um desenvolvimento sistemático, tanto na natureza exterior ao homem, quanto no próprio ser humano, enquanto história, e ainda internamente na sua racionalidade: “Tal como um corpo animal, cujo crescimento não acrescenta nenhum membro, mas torna cada um deles, sem modificação nas proporções, mais forte e apropriado a seus fins” (KANT, 2013, p. 600. *Crítica da razão pura*). Assim, as pessoas almejam seu progresso individual sem saber plenamente que, com isso, também interferem no progresso da espécie.

Há desse modo, uma linha progressiva, da particularidade até a totalidade, da selvageria ao direito, do egoísmo até a razão: “sair do estado sem leis dos selvagens para entrar numa federação de nações”, tal processo político tem por suporte a pessoa humana, “em que todo Estado, mesmo o menor deles, pudesse esperar sua segurança e direito” (1986, p. 17). Destarte, os conflitos e a violência nunca são um fim em si mesmo. Quer a árvore de uma única pessoa ou de um país inteiro, toda individualidade encontra seu progresso quando gera frutos universais de paz.

Por isso, “todas as guerras são, assim, tentativas (não segundo os propósitos dos homens, mas segundo o da natureza) de estabelecer novas relações entre os Estados” (1986, p. 17). Não é predicado da subjetividade humana, então, uma consciência completa das consequências históricas dos seus atos. Mesmo a violência, que parte dos indivíduos, por meio de Estados particulares, pode promover um freio cosmopolita que, da confederação das nações do mundo, cria o equilíbrio do emprego das liberdades das pessoas. Aqui, novamente, a intrínseca troca entre partes e todo.

Ora, diante disso, acaso seria “mesmo racional aceitar a finalidade das disposições naturais em suas partes e, no entanto, a ausência de finalidade no todo?” (1986, p. 18) ou ainda o inverso, olhar a natureza teleologicamente mas, apesar de sua lei universal, imaginar que seus indivíduos agiriam sem sentido? Por isso, a racionalidade responde mostrando que nada do que existe existe como supérfluo, que nenhuma pessoa está desligada da humanidade e seu *telos* dentro da natureza.

Por consequência de tamanha valorização da subjetividade: primeiro, importa apontar para o ser humano – indivíduos, países e gerações – que, “por seu próprio esforço” (1986, p. 19), deve estar empenhado no desenvolvimento geral da racionalidade<sup>15</sup>; segundo, criticar o atraso que os Estados causam ao não priorizar o desenvolvimento das pessoas, “impedindo assim continuamente o lento esforço de formação interior do modo de pensar de seus cidadãos”,

---

15 Kant defende esse potencial progressista da autonomia de empreendimento humano também ao tratar, por exemplo, da possibilidade de uma criação intencional de linhagem familiar, geograficamente reservada, para um mais profundo e hereditário avanço da nobreza, da inteligência e da competência humanas. Kant afirma ser esse objetivo “um empreendimento [*Anschlag*] que, em minha opinião, é em si mesmo factível” (KANT, 2010, p. 13. *Das diferentes raças humanas*), ou seja, é uma intervenção histórica possível tal seleção arbitrária de nascimentos com finalidade no aprimoramento da integridade de grupos especiais de pessoas.

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.



Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

pois para tal expansão racional<sup>16</sup> “requer-se um longo trabalho interior de cada república” (1986, p. 19).

Mas esse progresso histórico ainda não avançou muito até aqui, como é possível notar ao olharmos para as pessoas e povos, “digo que muito pouco, pois este ciclo parece exigir tanto tempo para cumprir-se”, não é trabalho de uma única geração humana ou apenas uma dezena delas, “a pequena parte que a humanidade percorreu permite determinar somente de maneira muito incerta a forma de sua trajetória e a relação das partes com o todo” (1986, p. 20), a troca homem-humanidade.

Um sucesso tão longínquo dependerá de uma liberdade igualmente grande. E uma vez que cabe aos indivíduos acelerar ou retardar o processo, então a diminuição da sua liberdade significa se distanciar do propósito natural e, com essa restrição das subjetividades, “tolhe-se assim a vitalidade da atividade geral e, com isso, de novo, as forças do todo” (1986, p. 21).

Por isso, enfim, os líderes pertencentes a esse futuro de maior unidade e lei “avaliarão a história dos tempos mais antigos [...] somente do ponto de vista daquilo que lhes interessa, ou seja, o que os povos e governos fizeram de positivo e prejudicial de um ponto de vista cosmopolita” (1986, p. 24). Tal motivação, de ser lembrado e venerado pela posteridade, pode ainda servir de razão para que os chefes de Estados atuais e também os seus servidores empreguem sua vida individual na aproximação desse ideal da natureza para a humanidade.

## COMENTÁRIO SOBRE A IDEIA DE KANT

O texto “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita” está centrado na teleologia de um sábio Criador do mundo e, a partir desse ponto, Kant busca “a investigação e articulação dos fenômenos naturais particulares em um sistema, o que, por sua vez, é legitimado por uma necessidade sistemática da razão” (KLEIN, 2009, p. 162). Assim, Deus, a natureza, o homem e a razão, cada parte é vista como relacionada ao universo.

No entanto, essa teoria holística é colocada em função da prática humana e não nega a subjetividade. Ora, apesar do *telos* divino,

---

16 *Expansão racional*: Em Kant, não há como o saber do ser humano não ser gerado por ele próprio, isso fica evidente a partir “da repulsa do filósofo a um conhecimento cuja produção fosse alheia ao homem” (MARQUES, 2008, p. 111), por isso é fundamental a ação científica e educativa, isto é, de criação e transmissão das ideias.

então, o ser humano não deve ser omissivo. Ao contrário, “cabe a ele trabalhar [...], pois não faz sentido aguardar que a natureza aja por ele” (KLEIN, 2009, p. 164).

Acaso o homem pudesse anular a si mesmo em função de alguma metafísica coletivista, então “não faria sentido Kant falar de ‘mérito’ (*Verdienst*) ou ‘autoestima racional’ (*vernünftige Selbstschätzung*)” (KLEIN, 2009, p. 164), pois desse modo a personalidade estaria diluída na totalidade.

Porém, Kant destaca o potencial do indivíduo humano, inclusive sob a argumentação de que “para uma sociedade civil funcionar perfeitamente, ela necessita de um senhor que seja ‘justo por si mesmo’, isto é, de um chefe” (KLEIN, 2009, p. 165), daí porque o mérito e o progresso moral são essenciais na pessoa, nas sociedades e, enfim, na espécie. Kant, nessa linha, procura “pensar em uma história com regularidades e não apenas em um caos de singularidades” (KLEIN, 2009, p. 166).

Ou seja, há um meio-termo conceitual possível entre a liberdade individual e a lei universal, entre o agir potencialmente virtuoso ou desorganizado das pessoas e o progressismo e ordem históricos.

Coerentemente, por isso, liberdade e regularidade promovem o desenvolvimento das disposições humanas: a técnica (habilidade de cultivo instrumental), a pragmática (civildade e prudência social) e a moral (autonomia e liberdade subjetivas). Ou seja, a consciência da pessoa humana é o fim último do progresso histórico. “É em função dessa disposição [a moral] que o indivíduo passa a ter um valor absoluto, isto é, um valor por si mesmo e não em relação a qualquer outro fim” (KLEIN, 2009, p. 168).

Sendo assim, Kant aponta para o progresso, conceitua seus meios, e até sistematiza as virtudes, porém ele não diz especificamente como devem agir os indivíduos e, ainda por consequência, por saber que o ser humano “é dotado de livre arbítrio, faz com que seja impossível determinar exatamente quais são as causas de suas ações” (KLEIN, 2009, p. 177). Enfim, o filósofo da história aponta para o *telos* universal enquanto salvaguarda a personalidade humana e seus frutos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição dos argumentos kantianos possibilita confirmar a hipótese inicial desta pesquisa, pois a pessoa humana não é anulada

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.

pelo *telos* cosmopolita da natureza. Pelo contrário, as particularidades humanas são promotoras do progresso conceituado por Kant.

O germe individual é de racionalidade, isto é, de potencial para a liberdade. Cabe à subjetividade humana, então, uma relação indireta com a totalidade humana e histórica, a partir de uma disposição consciente e, ao mesmo tempo, limitada.

Um homem pode agir pela afirmação do progresso universal intencionalmente, porém o desdobramento das consequências dos seus atos, em toda a sua plenitude, lhe é sempre inalcançável. No entanto, apesar dos limites, nenhuma criação humana é supérflua ou inteiramente inútil dentro do processo universal.

A criação da sociedade, dos diferentes povos e culturas, das leis e relações internacionais, tudo cumpre uma função racional de desenvolvimento. Mesmo o impulso egoísta ou o individualismo das guerras, no fim, terão promovido o despertar de todas as competências da condição humana.

Porém, além do aprendizado advindo de tais experiências trágicas, é disposição também dos indivíduos a instituição da educação dentro dos países, a busca pelo aperfeiçoamento de homens capazes de assumir a suprema chefia humana.

Enfim, além desse progresso nascido da própria liberdade, há ainda grandes saltos evolutivos causados pela natureza mesma. Ela é quem cria razões individuais revolucionárias, como a de um Kepler ou um Newton, e deste modo intervém diretamente no avanço cosmopolita humano rumo à universalização da virtude racional, da lei justa e da paz perpétua.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Especialista Silvio Motta Maximino, meu professor na graduação em Filosofia, da Universidade do Sagrado Coração (USC), e meu iniciador nas leituras e no amor a Kant;

Ao Professor Doutor Ubirajara Rancan de Azevedo Marques, meu professor no mestrado em Filosofia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), um gigante kantiano de quem eu tive o privilégio de aprender sobre filosofia moderna;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa durante o meu primeiro mestrado, momento propício para o aprofundamento nas leituras de Kant.

## REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Das diferentes raças humanas**. Tradução e notas: Alexandre Hahn. Kant e-Prints. Campinas, Série 2, v. 5, n. 5, p. 10-26, número especial, jul.-dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura**. Tradução e notas: Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. TERRA, Ricardo R. (Org.). Tradução: Rodrigo Naves; Ricardo R. Terra. São Paulo: Braziliense, 1986.

KLEIN, Joel Thiago. Os fundamentos e práticas da filosofia kantiana da história no ensaio *Ideia de uma história universal com um propósito cosmopolita*. **Studia Kantiana**, v. 17, n. 9, p. 161-186, 2009.

MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. Sobre o “inato” em Kant. **Analytica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 101-161, 2008

Martins, Wellington Anselmo. *Kant e a subjetividade: A disposição natural dos indivíduos no cosmopolitismo kantiano*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 2, p. 219-230, 2019.